

A SEXUALIDADE NO ENVELHE(SER)

*Amparo Caridade*¹

SEXUALITY IN AGING

Resumo: O homem é o único ser vivo que sabe que vai morrer. Isso o angustia, e ele busca para si ilusões de eternidade, como se pudesse esconder-se de sua provisoriedade. A finitude é vista por ele como uma limitação, não como o limite que é posto à vida. Olhar assim, o impede do verdadeiro crescimento rumo à maturidade e a alegria de viver. Finitude é condição humana, e nela somos desafiados a encontrar saídas para os limites, a encontrar motivação para manter a vida com dignidade, satisfação, prazer e sentido. Falar de envelhecimento é falar da consciência dessa finitude, da possibilidade de ser por ela desafiados, e da capacidade que temos de proceder à superação, à transformação, à metanóia, à mudança de atitudes. A vida é exigente de um ascender ao mais além. Nesse contexto a sexualidade nos convoca para a construção de um sujeito prazeroso e feliz.

Palavras-chave: Sexualidade; finitude; envelhecimento.

Abstract: Mankind is the only living being who know that will die. This disturbs him, and he looks for the illusion of eternity, as he could hide himself from his brevity. Finitude is seen as a limitation, not as a limit that is imposed to life. Looking this way prevents him from the real growth towards maturity and happiness to be alive. Finitude is a human condition and within it, we are challenged to find ways to overcome limitations, to find motivation to live with dignity, satisfaction, pleasure and meaning. Talking about getting old, is talking about being conscious of this finitude, about the possibility of being challenged by it and about our capacity to surpass, to transform and

¹ Psicóloga. Mestre em Antropologia. Professora Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora do Curso de Especialização em Sexualidade Humana na UNICAP. e-mail: amparo_caridade@uol.com.br

to change attitudes. Life requires that we keep going ahead. Within this context, sexuality calls us to construct a pleasure and happy human being.

Keywords: Sexuality; finity; aging.

Inquieta finitude

Vivemos a agonia existencial de saber que um dia morreremos. Ante essa certeza nos perturbamos e procuramos artifícios para driblar a angústia que essa condição nos proporciona. Tememos o entardecer da vida e buscamos ilusões de eternidade, como se pudéssemos nos esconder da provisoriedade que nos confronta. Torna-se difícil, inquietante mesmo, acolher em nós esse estado. Falar da finitude é dizer do que tem fim, do que não é eterno. Isso nos assusta sobremaneira porque, para além de nossa ilusão de eternidade, sabemos que é assim que somos: finitos, provisórios. A mesma finitude que nos assusta, também nos desafia a encontrar sentido para a vida e a vivê-la com prazer. Freud dizia que a beleza da vida está em seu caráter fugidio.

208

Estamos no mundo e nele temos um “*que-fazer*” próprio, que ninguém pode realizá-lo por nós. A certeza da morte nos convoca a dar conta dessa tarefa, a lutar por realizações e por um sentido para a vida. Esse é o aguilhão que provoca a finitude. Cada um de nós é vocacionado a marcar sua passagem pelo mundo com um agir criativo. Nesse contexto a morte faz-se moldura, enquadra a vida, exige, organiza, dá sentido ao conjunto do viver. A finitude deve ser vista como um limite, não como uma limitação. Ser finitos é nossa condição humana, exige de nós criatividade e responsabilidade para com o nosso estar neste mundo. A provisoriedade nos desafia a atestar que a vida vale a pena. Nesse contexto, descobrir sentido para a vida torna-se a tarefa humana mais urgente, e nos fará saudáveis, sustentáveis, serenos, dignos e tolerantes ao envelhecer.

Nesse processo de envelhecer, de responsabilizar-se pela vida que se tem nas mãos, precisamos também atentar para a questão da alteridade, do lugar, peso, sentido e importância que o outro tem em nossa vida. Pensamos muito em desempenho e pouco na alteridade. No entanto,

“O tempo é sobretudo o que passamos com os outros, no que eles nos remetem, sobre nós mesmos. Não há tempo sem interlocutores, mesmo a solidão é cheia da presença do outro” (Olivenstein, 2001, p. 49).

O tempo, a vida, a subjetividade, são atravessados pelo papel que o outro exerce em nossa vida. O outro, nosso “*inferno*” mas também nosso paraíso é a razão

de ser do entrelace humano pela vida afora. A verdadeira cidadania “*é a possibilidade de existir para o outro*”, diz Goldfarb (1998, p. 26). De fato só o sujeito visto, reconhecido, olhado por outrem como ser de direitos sente-se verdadeiramente sujeito. Não somos sujeitos sem o olhar do outro sobre nós, que nos nomeie e reconheça como tal. Convivemos no universo de “*relações líquidas*” (Bauman, 2004) relações passageiras, em rede, *on line*. Este tipo de relações caracterizam o desvinculamento, o descartável, o consumível, carecem do olhar do outro, carece de que ele nos reconheça e considere com sujeitos.

Entre o Prazer e a Procriação

Somos seres perpassados pelo desejo de encontrar alguém com quem possamos partilhar afeto e ser feliz. Isso parece tão natural, tão humano, que atravessa nosso sonho, está escrito na poética, na literatura, está esculpido na arte, cantado em versos e manifestações de todos os tempos. Mas, historicamente, a sexualidade foi sendo compreendida a partir das contingências e do modo de pensar de cada época. Inicialmente ela foi reconhecida apenas em seu caráter procriativo, foi legitimada e valorizada enquanto modo de propagação da espécie. As experiências evocativas do prazer e da satisfação sexual eram condenadas. Medicina e Igreja deram-se as mãos no combate da dimensão prazerosa da sexualidade, ora identificando o prazer sexual como desnecessário à procriação, ora identificando-o como pecado.

As culturas de todos os tempos, sempre controlaram a sexualidade. Isso nos diz o quanto ela representa de força nas pessoas, e o quanto é uma necessidade para a constituição do sujeito. Somente no século XIX, Freud possibilitou o resgate da dignidade do prazer considerando-o inerente ao ser humano, produtor de bem estar, saúde emocional e alegria entre o casal. Com isso foi se legitimando uma dimensão lúdica para a sexualidade. A ordem foi sendo subvertida e a repressão passou a ser vista como produtora de sintomas neuróticos.

Sabemos que a sexualidade é procriativa apenas em uma etapa do viver. No amadurecer e no envelhecer mantemos relações sexuais para brincar a vida, não mais para procriar. Postulo, portanto, que no envelhecer, a sexualidade deve ser lúdica, brincante, deve atender eminentemente ao prazer e ao bem estar relacional. Só que isso supõe uma construção relacional entre parceiros. As “*relações líquidas*” dificilmente possibilitarão tal condição. Isso supõe que, além do corpo, cada parceiro acaricie a alma do outro. O prazer mais profundo possibilita a maior qualidade humana que dele vai emergir. No

entardecer da vida podem reunir-se, o prazer dos sentidos, a experiência vivida, a sabedoria, a despreocupação, a capacidade de alcançar a intimidade, o contato com a alma do outro, a desistência da luta de poder, a capacidade de transcender o próprio corpo que possibilitam esse prazer profundo.

Viver ludicamente a sexualidade supõe a sedução e ela se endereça pelo discurso dos olhares. Estamos esquecidos da arte de seduzir! No entanto, o desejo do outro nos é remetido por um olhar que nos convida a aceder ao amor passante. Essa metalinguagem é mais eloqüente que qualquer discurso. Pela sedução, pelo olhar, o outro me obriga a fazer uma viagem através das palavras que não foram pronunciadas. Sibony diz que a sedução é “*esse deslocamento que atrai e cuja atração repercute no outro que a provocou*” (1991, p. 29). Dá-se uma afetação silenciosa e recíproca. Embora a dimensão lúdica envolva o real do corpo, a relação sexual e penetração, ela supõe sobretudo, um perder-se na brincadeira, na sedução, no prazer de um jogo de ver e mostrar, no tocar e descobrir, no prolongar a festa. Gaiarsa dizia em Congressos que partilhávamos: “*O orgasmo acaba a festa*”. Lembrava com isso que não é preciso ter pressa por ele, nem ter excessivas preocupações com o desempenho. Fazer sexo todos sabemos, isso vem inscrito no corpo de cada um. Difícil é vivê-lo com beleza, sentido e afeto. Isso dá trabalho. É uma arte. Oxalá sejamos capazes de fazer isso na velhice.

Mitos e preconceitos em torno da pessoa idosa se dão sob a idéia de que, com o avanço da idade perde-se a capacidade sexual. O que ocorre de fato é uma redução da frequência das relações sexuais, mas dá-se em contrapartida um incremento em prol de uma maior qualidade. Lamentavelmente algumas pessoas desistem da vivência sexual, por imaginar que ela é uma possibilidade apenas do corpo ou da juventude. No entanto, grandes alegrias estão também na vivência para além do corpo. Quando estamos mais velhos, podemos ser mais sábios, mais suaves, mais sedutores, mais cúmplices nas relações.

Na vida, somos preparados para crescer, para desenvolver e desempenhar papéis e funções, mas não somos preparados para descer a curva da vida. Os tabus em torno do envelhecimento não nos dão chance de prepararmos para envelhecer com prazer. Nem mesmo somos preparados para acolher em nós a finitude. Com isso não aprendemos a envelhecer com dignidade, ou ter prazer e satisfação com a idade que conquistamos. Embriagamo-nos na ilusão de uma eterna juventude, que serve apenas para nutrir quadros de depressão, hipocondria, consumo abusivo de remédios, problemas conjugais, disfunções sexuais.

Sexualidade. Princípio e Fim

É como um traço (e)terno em meio a finitude que pode ser vista a sexualidade. Ela se faz presente na experiência do sujeito, desde seu nascimento até a morte. A cada etapa do desenvolvimento correspondem formas de expressão que são próprias a cada idade. O corpo não é estático, ele atua como processo. Ele é histórico, é arquivo de experiências que vão acontecendo no decorrer da vida. Desse modo podemos compreender a sexualidade nos diversos estágios do viver. Na criança, ela é descoberta do próprio corpo erógeno. Descobrir essa erogeneidade na infância é importante, pois ela repercute na sexualidade que amadurece. No adolescente a descoberta acontece pelas trocas de sensações e emoções com o corpo do outro. No adulto a sexualidade deve se fazer partilha, reciprocidade de gestos e emoções. Em todos os estágios porém, o corpo sexual é um corpo atravessado pelo simbólico da linguagem, o que retira da genitalidade a possibilidade única de viver a sexualidade.

Por mais que surjam dificuldades físicas no envelhecer, podemos ampliar a qualidade do sexual, do amoroso. Se o humano for estimulado, expressar-se-á numa riqueza impensável. Como somos animais falantes, o simbólico da linguagem, nos possibilita uma sexualidade que é também invenção do espírito. Isso é possível, primeiro na intimidade consigo mesmo, depois, partilhando com o outro. É nessa intimidade que podemos nos tornar reciprocamente especiais uns para os outros. Nesse contexto, da intimidade e da partilha, os entraves corporais poderão ser melhor enfrentados.

A necessidade tátil cresce com o tempo, e isso parece servir a um convívio corporal maior com o outro. Paradoxalmente, porém, talvez seja esse um tempo em que menos se toque os idosos. O toque amável, significativo, pode ser terapêutico, além de ser fonte de satisfação. “*O corpo que não é tocado chora. Grita. Reclama. As dores são esse comunicado*” diz Ana Fraiman (1995, p.93). O corpo que dói por causa de artrites é um corpo carente. Pede abraço, quer chamar atenção. O corpo não abraçado acaba gritando. Os gritos assumem a forma de dores.” *O corpo que dói é um corpo vivo que implora por Eros*” (Ibid, p. 93). Quanta amorosidade deixa de ser vivida por falta desse contato físico!

Como um traço (e)terno, a sexualidade se manifesta desde a infância até a morte e se revela na ternura e nas alegrias com as quais Eros enfeita o viver. Tempo e ternura definem esse traço, e devem permear o acolhimento e a amorosidade no envelhe(ser).

Amor Maduro na velhice

Deparamo-nos com um medo difundido de se manter relações de compromisso com o outro, por receio de sofrer desencantos ou abandonos. As pessoas preferem ficar, porque ao ficar “não ficam”, não se envolvem, não fazem vínculos, pensam com isso não correr riscos de sofrer. É que a dor de amar, não é sentida no corpo, mas no laço que estabelecemos com o outro. “*A dor psíquica é uma lesão do laço íntimo com o outro, uma dissociação brutal daquilo que é naturalmente chamado a viver junto*” diz Nasio (1997, p. 25). Por isso vive-se na atualidade, num universo que Bauman, (2004, p.10) chama de *relações líquidas* – “*É preciso diluir as relações para que se possa consumi-las*”. São “*relacionamentos de bolso*” dos quais se pode dispor quando necessário, deletando-os tão logo não mais interessem, refere ele. No entanto, quando as pessoas não se envolvem, também não se desenvolvem na arte amorosa:

“...a permanência de uma ligação pode servir ao seu aprofundamento, a um conhecimento mais amplo do outro, ao desenvolvimento de uma cumplicidade e de planos a longo prazo que, em seu conjunto, contribuem para renovar essa união” (Ibid, p. 120).

A amorosidade é sentida no vínculo que estabelecemos, e é ela quem nutre o bem estar no envelhecer, quem dá sustentação à qualidade que queremos para a vida.

A cultura supervaloriza o desempenho. Sexo triunfal, mais que encontro. As pílulas têm sido eficientes para a melhoria do desempenho, mas não impedem o vazio da falta do afeto que nos maltrata. O desempenho é importante sim, mas a relação sexual que se baseia só nisso, fica pobre, desumana e difícil, sobretudo para o idoso. O desempenho é a base, mas só a base. Oxalá não se faça da exaltação do desempenho, um modelo predatório à felicidade sexual que é sentida internamente, na amorosidade e no relacional. O desempenho embora sirva à alegria sexual é ação para fora. Precisamos cuidar do sujeito sexual, não apenas do indivíduo respondente.

A construção da sexualidade ergue-se sobre a base do desempenho, mas se dá na experiência dos parceiros, na inventividade, na sedução, no encantamento de um amplo gestual que não se define apenas pelo ato genital. Essa construção se for nutrida pela criatividade pode proporcionar muita alegria. O prazer é plural. Gostamos de uma noite de lua, de um bom vinho, uma boa música, uma boa leitura, de um abraço especial, da paz com a vida,

como de uma boa relação sexual. São experiências de prazer. São dimensões especiais que compõem também a sexualidade de sujeitos amadurecidos.

Observando a arte, a pintura, a escultura, a poética, a literatura, a música, vemos que elas giram em torno do desejo, do prazer, da dor de amar, da dor de não amar ou de não ser amado. A expressão criativa reverencia sempre o desejo humano, que é, no fundo, um desejo insaciável de ser desejado pelo outro. Quando esse outro não nos deseja, sofremos no mais íntimo de nós mesmos, um tipo de dor que quase nos desterritorializa. “*O amado não é um outro, mas uma parte de nós mesmos que recentra o nosso desejo*” diz Nasio (1997, p. 60). O outro é o chão amoroso e existencial sem o qual fica difícil viver.

A alteridade, o relacional, têm um sentido especial na vivência amorosa sexual, sobretudo na velhice. Fica a indagação porque então superestimamos o desempenho e damos tão pouca importância ao outro? Considero essas dimensões do relacional e da alteridade mais promotoras do bem-estar sexual que a preocupação excessiva pelo desempenho. Quando ficamos muito presos ao *fazer sexual* podemos deixar na sombra o mais gratificante, o *viver sexual*. O amadurecer da sexualidade traz consigo exigências afetivas, espirituais e existenciais imprescindíveis à experiência humana. Como se fosse uma troca de olhares entre o sujeito e a vida. Isso não é fruto natural da velhice, é resultado de dimensões especiais que desenvolvemos na vida. Assim, uma pessoa jovem pode viver maduramente sua sexualidade de forma lúdica e responsável.

Sexo não é para ser consumido, mas para ser vivido, e vivido em relação. Quanto mais consumistas, mais periféricos ficamos e perdemos as verdadeiras referências humanas da sexualidade em nós. O afeto, a ternura, o desejo do outro têm, na velhice, um papel fundamental. Certas pessoas sentem-se fracassadas quando não conseguem um nível ótimo de desempenho. Mas o afeto vivido dá um tipo de satisfação que pode relativizar o declínio dos desempenhos. O fracasso é sentido quando se desconhece que o gozo é possível no corpo e além dele. A maior das satisfações vividas pelo ser humano é a de sentir-se desejado e importante para o outro, como também poder desejá-lo e apreciá-lo. Neste sentido, um olhar terno, um apoio, um toque, um abraço, valem mais que certas relações sexuais sem trocas. Somente os gestos especiais se eternizam, podem deixar um sabor de encanto que não se apaga.

No processo de envelhecer não devemos violentar o corpo, exigindo dele performances impossíveis. Será mais sábio acolher a verdade de que nada é definitivo em nós. Com o tempo a sexualidade se transforma, perde algumas características e ganha outras. É importante acolher as mudanças. Fazer a

metanóia, que é a mudança de meta, de perspectiva; viver a gerotranscendência, que vem normalmente seguida por um aumento na satisfação de vida. No ser vivo, tudo pede para terminar, mesmo um lindo por do sol, um belo poema ou um beijo ardente. Tudo se endereça a seu término. A sexualidade se encaminha para seu cume, para uma expressão mais densa do possível amor. Síntese do que somos. Gozo de nossas conquistas. Fortalecimento dos laços estabelecidos.

Na Sociedade do Espetáculo em que vivemos, o conceito de belo é reduzido à aparência. Nessa ótica as lentes enxergam rugas mais que as histórias que o envelhe(ser) esconde. Contudo a beleza é dinâmica, não está apenas na silhueta, na cor dos olhos, no tom da pele. Ela emerge sobretudo de dentro do ser maduro que somos. Irrompe da certeza serena de nossa própria construção. Quando se fala em velhice, em amor maduro,

“Quase não se fala da sexualidade que se transforma em ternura, dos contatos a serem mantidos pela voz, o olhar, o toque. Sonhar com o amor permanece, no entanto, possível até o fim” (Mannoni, 1995, p. 21).

Amar faz parceria com a beleza madura que resulta dessa química em nós, entre o existencial, o construído, o conquistado, o saboreado com sutileza. O corpo conta histórias das aventuras do espírito na busca do outro. Affonso Romano de Sant’Anna atesta poeticamente esse modo maduro de amar:

“Estou amando tuas rugas, mulher. Algumas vi surgir, outras aprofundi. Olho tuas rugas. Compartilho-as, narciso exposto no teu rosto. Ponho os óculos para melhor ver na tua pele as minhas/tuas marcas. Sei que também me lês, quando nas manhãs percebes em minha face o estranho texto que restou do sonho. O que gastou, somou. Essas rugas são sulcos onde aramos a messe do possível amor” (Romano de Sant’Anna, 1993 p. 140).

Sexualidade. Desafios e motivações

É fora de dúvida que alguns entraves podem ser observados na vivência sexual de pessoas idosas. Poderá haver um corpo dolorido, pouco flexível, mas a sexualidade não se reduz ao corpo, ela faz parte de um todo que envolve dimensões corporais, psíquicas, espirituais e culturais. Portanto não é só o corpo que entrava a sexualidade. O espírito, o psíquico, o relacional podem também entravá-la. A frágil relação do casal, a má qualidade da vida externa e interna da pessoa são os primeiros obstáculos que vejo para a boa vivência da sexualidade. Isso supõe uma construção

cuidadosa que, oxalá tenhamos feito pela vida afora. Portanto os modos de ser e estar no mundo consigo e com os outros, refletem-se prontamente sobre a sexualidade no envelhecimento.

Outra grande barreira posta à sexualidade do idoso é a precariedade filosófica e ideológica com que se olha a sexualidade, de forma reduzida à busca do prazer pura e simplesmente, sem envolvimento ou sem sentido. Esse olhar simplifica uma dimensão humana que é bastante complexa. Nessa simplificação a cultura é dada a fazer promessas de grandes prazeres, de felicidade mega que bem sabemos, são utópicas. Prometer enganosamente é uma atitude perversa e perigosa, porque promove frustrações que podem tornar-se insuportáveis ao sujeito.

Outro entrave considerável é o desamor. Sem afeto, fica difícil uma sexualidade interessante no envelhecer. Os idosos fazem bem o sexo se ainda se amam, se alicerçaram suas vidas numa afetividade calcada na democracia de gestos e emoções. Onde há saúde e amor, homens e mulheres se buscam, se completam, se saboreiam, mas onde há desafetos e mágoas silenciadas, dificilmente haverá espaço para trocas amorosas.

A obsessão pela aparência física, o desejo irreal de uma eterna juventude, é um outro entrave à vivência da sexualidade na maturidade. Quando negamos o processo natural do envelhecimento que ocorre, impedimos uma boa vivência da sexualidade. Faz parte de nosso desenvolvimento que o corpo mude e se transforme. Deve fazer parte também de nosso entendimento que o corpo envelhecido também ama, sente e goza. E se o espírito não estiver perturbado, o corpo será capaz de responder satisfatoriamente. Falando do Amor Maduro Artur da Távola diz que

“Na felicidade está o encontro de peles...a compreensão antecipada, a adivinhação, o presente de valor interior, a emoção vivida em conjunto, os discursos silenciosos, o prazer de conviver, o equilíbrio de carne e espírito”
(1983, p.117).

Isso difere dos ensinamentos que se assemelham a *sexoróbica* e que muitas vezes são passados às pessoas na tentativa de fazê-las responder aos apelos do consumo sexual. Isso pode ser um equívoco, pois a sexualidade é especial em suas dimensões do espírito, do mistério, dos retalhos de alma que somos. Não pode ser totalmente pensada, prevista, receitada, mas sutilmente descoberta, inventada, como mistério que jamais se desvela por completo. Algo de mistério deve permanecer velando o humano. “*O dizer ao revelar também vela. O viver humano não pode ser plenamente dito; entre o dizer e o*

indizível emerge o falar poético” diz G. Safra (2004, p. 25). Em sua dimensão humana, a sexualidade não pode ser da ordem do totalmente revelado. Em sua beleza mais intensa ela se faz poesia.

Por fim

Precisamos recuperar a arte, a capacidade de sentir o sabor das peles em contato. O sexual precisa disso, como precisa do espírito, da criatividade, da gentileza, aí onde se aperfeiçoa o gestual humano. Há uma potência a mais no corpo do sujeito que sempre pode transformar-se em alma. *“A vida sempre rompe os limites das fórmulas”* dizia Exupéry. Lya Luft lembra que *“a felicidade amorosa não vem do desempenho, mas da ternura que aprimora e intensifica o desempenho”* (2003, p. 98). Isso depende da sabedoria que conquistamos e é o trunfo maior com o qual o idoso pode posicionar-se na vida e desfrutar de um tempo maduro. Envelhecimento não é doença, é tempo vivido, é mais adiante, é caminho com bagagem.

Em nosso fazer e viver sexual, não basta tocar o outro ou com ele ter relações sexuais, é preciso que Eros se faça presente na festa dos corpos. É preciso que os toques, braços e abraços ressoem também na alma do outro a quem desejamos e tocamos. *“O importante não é tanto que uma mão nos acaricie, mas saber a quem pertence essa mão, o que deseja essa pessoa e o que sentimos por ela”* diz M. Dorais, (1994, p.31). É preciso que, ao tocar, a mão veicule sentido e envolvimento, diga do tamanho, da importância que o outro tem para nós.

Amadurecer, envelhecer são processos que exigem investimento, coragem para o enfrentamento das transformações físicas e psíquicas que naturalmente se dão. Esse enfrentamento requer a metanóia, a mudança de modelo mental. Segundo Tranjan, trata-se de *“uma nova maneira de enxergar a realidade. É a transformação. É livrar-se dos entulhos liberando espaço para o novo”* (2002, p.35). O processo de amadurecimento na vida exige esse movimento, essa motivação, esse desafio. Envelhecer com satisfação e dignidade supõe que nos livremos daquilo que não nos serve, deixando espaço aberto à criação da vida mais plena. Supõe que mudemos sempre em direções que melhoram nosso prazer de estar no mundo com os outros. Para isso será preciso que tenhamos construído um ego suficientemente forte para lidarmos com as faces outonais desse tempo. Viver a sexualidade na velhice significa, acima de tudo, realizar uma síntese afetivo-amorosa que garanta satisfação aos corpos e espíritos. É preciso abastecer-se de ternura e beleza nesse enfrentamento do outono que sucede as estações da vida.

Amor maduro só se conquista com dimensões especiais. Na Terceira Idade temos tempo e experiência para descobrir formas específicas de viver a sexualidade. E, se por acaso pouco construímos, temos ainda a capacidade de criar, de inventar o que somos e o que queremos ser. É tempo sempre de começar algo que melhore nosso estar no mundo. O inferno não são apenas os outros como dizia Sartre, é talvez a falta do outro, o vazio dele em nós. Acima de tudo o inferno é também vazio de nós mesmos, na medida em que não nos encontramos, não nos reconhecemos como sujeitos construtores da própria satisfação com a vida.

O engano se livra de seu cenário e o sexual se recoloca no lugar onde se encontra o sujeito, não apenas um corpo respondente. A relação com o outro serve de bússola e diapasão na harmonia que conquistamos em nossa residência íntima, lugar de solidão e contato. Com esse entendimento teremos a capacidade de assumir a vida finita que temos nas mãos, e dela fazer um poema que enaltece e encanta o viver. É isto o que temos. É tudo isto que somos. Uma finitude com gosto de infinito. Nela, a sexualidade nos (e)terniza.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Z. *Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- CARIDADE, A. *Sexualidade. Corpo e Metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997.
- _____. *Caminhos e Caminhantes*. Recife: ed Bagaço, 2005.
- DORAIS, M. *O Erotismo Masculino*. São Paulo: Loyola, 1994.
- FRAIMAN, A. P. *Coisas da Idade*. São Paulo: Gente, 1995.
- GOLDFARB, D. C. *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LUFT, L. *Perdas e Ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MANNONI, M. *O Nomeável e o Inominável. A última palavra da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- NASIO, J. *O Livro da Dor e do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- OLIVENSTEIN, C. *O nascimento da Velhice*. São Paulo: Edusc, 2001.
- SAFRA, G. *A Poética na Clínica Contemporânea*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.
- SANT'ANNA, A.R. *O Lado Esquerdo do meu Peito*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- SIBONY, D. *Sedução. O Amor Inconsciente*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- TÁVOLA, A. *Do Amor. Ensaio de Enigma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- TRAJAN, R. A. *Metanóia*. São Paulo: Editora Gente, 2002.